

A EXPERIÊNCIA DO EXÍLIO: DESEJO E REPULSA ENTRE DOIS ESPAÇOS

Silvio Renato Jorge*

Neste dossiê, em que reunimos, sob o título de “Relações Luso-Brasileiras: entre o ressentimento e o fascínio”, uma série de textos voltados para problematizar as relações literárias e culturais entre Brasil e Portugal, nos seus múltiplos aspectos, pretendo discutir, através da poesia de Jorge de Sena, a experiência do exílio e da emigração, mais especificamente pensá-la como uma das formas concretas através das quais essas relações se efetivaram no século XX, inscrevendo o processo coletivo no âmbito pessoal. É significativo notar, no texto de autores que vivenciaram tal experiência, a presença do sentimento de pertencer a um espaço intervalar, manifestado através de um discurso que mescla repulsa e desejo pelos dois territórios – o perdido e aquele que se vislumbra. Por outro lado, não posso me furtar a perceber nesses autores a voz magoada de quem, ao desvencilhar-se de sua origem, permanentemente se vê em espaço alheio, convivendo com a solidão. Poderia, desse modo, iniciar este texto sob a égide das redondilhas camonianas de “Sôbolos rios”, em que o poeta lamenta:

* Universidade Federal Fluminense.

Ali lembranças contentes
n'alma se representaram,
e minhas cousas ausentes
se fizeram tão presentes
como se nunca passaram.
Ali, de[s]pois de acordado,
co rosto banhado em ágoa,
deste sonho imaginado,
vi que todo o bem passado
não é gosto, mas é mágoa.¹

Como se vê, a mágoa da expatriação percorre versos seculares, instaurando um contraponto para a saudade. O rosto que se banha em *ágoa* não se transtorna apenas pelo sonho imaginado, pelas lembranças contentes, mas por ver-se refletido em um espelho de abandono e indiferença. Creio, porém, ser importante destacar ainda uma nova citação, a título de pseudo-epígrafe, que, espero, ajudará a iluminar esse nosso intrincado percurso. O texto é de Julia Kristeva e informa sobre o exilado: “No ponto mais longínquo em que sua memória remonta, ela está deliciosamente magoada: incompreendido por uma mãe amada e contudo distraída, discreta e preocupada, o exilado é estranho à própria mãe. Ele não a chama, nada lhe pede. Orgulhoso, agarra-se altivamente ao que lhe falta, à ausência, a qualquer símbolo.”²

É acerca desse lugar ambíguo entre o desejo e a repulsa, dessa memória, a Camões, deliciosamente magoada, que estamos a refletir. Ou seja, interessa valorizar a antítese que dá forma ao modo como o exilado busca situar-se entre dois espaços, reflexo da nostalgia que, ao invés de dirigir-se a qualquer uma das pátrias com que se vê em diálogo – a mãe displicente e a madrastra nem sempre acolhedora –, opta por tomar o seu próprio sentimento de ausência e de falta como objeto poético por excelência. Nesse sentido, o que percebemos é a ênfase em um exílio mais profundo do que o imposto por contingências políticas diversas, exílio este capaz de levar o indivíduo a sentir-se estrangeiro em qualquer parte, por não reconhecer no outro o espelho próprio para refletir as distintas marcas de seu rosto. É necessário para ele construir o seu próprio memorial, perceber

1 CAMÕES, L. de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. Organizado por Antônio Salgado Júnior. p. 497.

2 KRISTEVA, J. Tocata e fuga para o estrangeiro. In: _____. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 12-13.

sua existência como percurso de superação de uma identidade nacional, seja a de origem ou aquela que irá encontrar no país de destino.

Vivendo o sonho atlântico de sua expansão, ou o pesadelo dos vários séculos em que conviveu com a “nódoa negra” de diversos regimes de exceção, a imagem de Portugal como um celeiro de expatriados transita nos mais diversos níveis de sua literatura, revelando o avesso da viagem gloriosa que olhos imperialistas vislumbraram através dos versos de *Os Lusíadas*. A emigração e o exílio são, de fato, rasuras em uma imagem hegemônica, elementos a questionar a fala imperialista que reporta à viagem uma certa aura mítica, pois que a assinala constantemente como iniciática, como marco fundador da idéia portuguesa de nação. Mais uma vez, a palavra poética se faz necessária e os versos de Jorge de Sena, poeta português exilado no Brasil e, mais tarde, nos Estados Unidos, são fundamentais para se entender esse sentimento ambíguo através do qual a pátria que o renega é substituída, no âmago do poeta, por uma consciência que transita do individual para o transnacional, relacionando-os de forma dialética:

Colecionarei nacionalidades como camisas se despem,
se usam e se deitam fora, com todo o respeito
necessário à roupa que se veste e prestou serviço.
Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria
de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações
nasci. E a do que faço e de que vivo é esta
raiva que tenho da pouca humanidade neste mundo
quando não acredito em outro, e só outro quereria que
este mesmo fosse...³

Ao distinguir a sua pátria daquela de onde escreve – o eu e a língua –, Sena aponta a convivência com uma dualidade inerente a quem se vê desterrado. Se as nacionalidades são como camisas que “se despem” e “se deitam fora”, a sua substituição por um espaço construído dentro do próprio indivíduo reforça a idéia de que, para o exilado, assim como para o emigrante, sua verdadeira pátria talvez não seja aquela que deixou para trás nem aquela que o recebeu, mas tão somente a que constrói em seu interior. Por outro lado, ao reconhecer a língua

3 SENA, J. de. *Poesia III*. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 74.

como a pátria “de que” escreve – e nesse ponto é inevitável lembrar Maria Gabriela Llansol: “O meu país não é a minha língua, mas levá-la-ei para aquele que encontrar”⁴ –, atribui a ela um sentido distinto do usual, superando as fórmulas tradicionais com que se construiu a miragem da lusofonia. Ela aqui é ponto de partida, origem, mas não fim em si, pois passível de dissolução, de integração em fórmula diversa.

É Eduardo Lourenço que, ao analisar as atuais relações luso-brasileiras, aponta para a falácia de nos imaginarmos unidos pelo viés de uma língua única – língua esta, aliás, já vivida em termos distintos, com as especificidades que lhe são próprias. As divergências são muitas e, se há algo de evidente na análise mais detida de nossos encontros, é o notório desconhecimento que o brasileiro comum possui acerca de Portugal, ou seja, como afirma o próprio Lourenço: “Os portugueses devem saber, perceber e até compreender *que nós não somos um problema para o Brasil*. Ou só o somos, negativamente, quando, em momentos de profundo ressentimento de imaginários pais mal-amados ou ignorados, cedemos à tentação de nos enervar com a desatenção brasileira a nosso respeito.”⁵

Fruto talvez de longos anos de um discurso justificadamente nacionalista, o jogo simbólico do colonizador/colonizado acentuou o distanciamento cultural entre os dois países, tornando-se capaz de escamotear as relações oriundas não apenas do passado comum, mas de um complexo sistema que, em constante transformação, reúne religião, língua e tradições. Desfeito o sonho Imperial, resta a Portugal reler a natureza do convívio com as antigas colônias, reagenciando os parâmetros utilizados ao demarcar, por exemplo, a fixação possessiva que dirige a esta terra em que habitamos. A nós, brasileiros, cabe refletir acerca de nossa auto-imagem, indagando a validade dos diálogos que têm sido propostos e percebendo que, se não somos continuação ou metamorfose do que foi Portugal, e é claro que não o somos nem queremos ser, não podemos, por outro lado, escamotear em nossa existência o indissolúvel nódulo português.⁶

Complexa será, portanto, a experiência do exílio para aquele que, partindo de Portugal, aporta no Brasil. Retornando à poesia de Jorge de Sena, acreditamos nela encontrar traços significativos de um pensamento que, ultrapassando a reflexão saudosa acerca do valor da pátria, mostra-se consciente da distância que separa as duas realidades e, mais do que isso, do caráter próprio assumido

4 LLANSOL, M. G. *Um falcão no punho*: diário 1. Lisboa: Rolim, 1985. p. 47.

5 LOURENÇO, E. Nós e o Brasil: ressentimento e delírio. In: _____. *A nau de Ícaro e imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 141-142.

6 *Ibid.*, p. 141.

pelo exilado na sua complexa solidão. Se no poema visto enfatiza a língua como um porto de partida para compreensão do mundo, destaca também o caráter afirmativo de sua desterritorialização. Ao fugir da pátria, o poeta transfere para o mundo, e não para uma outra realidade nacional específica, o seu espaço de desejo. Esse dispersar-se em uma busca universal pode refletir, contudo, a consciência de intrínseca e, talvez, ontológica, solidão. Há que se destacar o fato de uma das epígrafes de *Peregrinatio ad loca infecta*, justamente aquela que introduz os poemas produzidos no Brasil, ser composta por versos de Horácio, em que o poeta interroga: “Quem da Pátria sai a si mesmo escapa?”⁷ Múltiplas leituras aí se podem estabelecer. Interessa-nos, contudo, apontar um diálogo entre as palavras do escritor latino e aquelas que encontraremos no interior do livro, quando o próprio Sena afirma: “O que nos mata é solidão povoada” ou “O que nos mata / é tanta gente enchendo a solidão”⁸ ou ainda “Não temos em comum nenhuma coisa: / só a povoada solidão mortal”.⁸ Fechado em si mesmo, destacando o seu isolamento, o poeta português parece evidenciar a estranha condição de quem, em meio ao diverso, anuncia sua consciência individual, consciência requisitada mais tarde, já em outro livro, *Exorcismos*, quando no “Epigrama II” indaga:

Viandante, é teu caminho
Esse da pátria? Tu
Sabê-lo-ás sozinho?

Se o não souber, não é
Da pátria o meu caminho?⁹

Ao exílio, corresponde uma imagem angustiosa da solidão. Acusa-se uma consciência de que, ao desviver a pátria, na sua materialidade objetiva, é possível contemplá-la criticamente. Por não atribuir à origem o peso que o senso comum atribui, compreende em sentido mais amplo o descompasso entre a memória e o seu objeto, substituindo a saudade, fórmula recorrente na Literatura

7 SENA, op. cit., p. 33.

8 Ibid., p. 69-70.

9 Ibid., p. 121.

Portuguesa, pela mágoa ou pelo desprezo. A indiferença, a negação de Portugal – mediadas por um olhar que tem no sujeito o seu próprio fim – não seria, entretanto, a face confessável de sua nostalgia?

O lamento por estar só no mundo é também o lamento por um tempo perdido, que entende o passado como miragem a não ser mais reencontrada. Em belíssimo poema intitulado “À memória de Adolfo Casais Monteiro”, presente em *Conheço o sal... e outros poemas*, é possível ler:

.....
Como se morre, Adolfo? Trinta e três
anos – uma idade perfeita – conheci-te,
soube de ti o dito e o não-dito, o que escreveste
e o que não escreveste. Por instantes,
os teus olhos cruzavam-se num viés de vesgo
que era *um saber terrível de estar só no mundo*
e não haver que valha a pena que se diga
sem destruir-se quanto em nossa vida é o pouco
indestrutível se guardado à força
num silêncio de exílio e de distância.
E todavia como estiveste no mundo, *como*
duramente bebeste toda a dor do mundo,
ou a fumaste em nuvens de cigarro que matavam
os teus pulmões possessos de asfixia.
Foste o estrangeiro e o exilado perfeito
e por todos nós que recusámos de um salto
por outras terras esta terra há séculos de outrem,
morreste em dignidade, sem queixas nem saudades
a queixa e a saudade mais pesadas
pesadas para o fundo, sem palavras
que as não há entendíveis aonde não se entende
a perfeição tranqüila em desespero agudo
a que te deste num morrer sem voz.¹⁰
.....

10 SENA, op. cit., p. 203-204.

Ao lembrar do amigo, como ele também exilado no Brasil, Sena destaca o “saber terrível de estar só no mundo”. Estabelecendo um jogo entre o beber a dor do mundo e manter-se no trágico silêncio do exílio e da distância, reconstitui, através do amigo morto, o percurso inevitável de quem, situado em uma dobra da existência, recolhe a inevitável consciência de pertencer, ao mesmo tempo, a todos e a ninguém: à mãe displicente, à madrasta acolhedora e, principalmente, a si mesmo. A palavra poética surge, então, como o instrumento possível para dizer a dor ancestral de sentir-se homem no mundo. Ao afirmar a solidão, este exilado procura, talvez, encontrar-se “sem versos e sem vida, / sem pátrias e sem espírito, / sem nada, nem ninguém...”¹¹ em um exílio de quem se sabe, tomando por empréstimo as palavras de Casais Monteiro, o “estrangeiro definitivo”, aquele cujo destino só pode efetivar-se na redescoberta de sua própria subjetividade.

RESUMO

Ao pensarmos as relações luso-brasileiras no século XX, inevitavelmente somos levados a discutir a emigração e o exílio como formas concretas através das quais o indivíduo estabelece, no âmbito pessoal, esse processo coletivo. Investigar a presença, nos textos de autores que vivenciaram essa experiência, do sentimento de pertencer a um espaço intervalar, pautado em um discurso que mescla repulsa e/ou desejo pelos dois territórios – o perdido e aquele que se vislumbra –, é o objetivo deste trabalho.

Palavras-chave: Exílio, Jorge de Sena, poesia.

ABSTRACT

Thinking of lusitanian-brazilian relationship in twentieth century, it is unavoidable to discuss emigration and exile as concrete ways for the individual establishes this collective process in a private context. To inquire into the presence of this feeling of belonging to an intervallic space in the texts of the authors who had experienced this process, based on a discourse that mingles repulse and/or desire for both territories – the lost one and the other that is glimpsed – this is what this work aims at pointing up.

Key-words: Exile, Jorge de Sena, poetry.

11 SENA, op. cit., p. 75.

REFERÊNCIAS

CAMÕES, L. de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. Organizado por Antônio Salgado Júnior.

KRISTEVA, J. *Estrangeiro para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LLANSOL, M. G. *Um falcão no punho*: diário 1. Lisboa: Rolim, 1985.

LOURENÇO, E. *A nau de Ícaro e imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

SENA, J. de. *Poesia III*. Lisboa: Edições 70, 1989.